



Utilizando a arte do cruzo e do giro no combate às monoculturas da mente em busca de uma educação antirracista e intercultural.

Utilizar el arte de la cruz y el giro en la lucha contra los monocultivos de la mente en busca de la educación antirracista e intercultural.

Angela Aparecida Almeida¹

Danilo Seithi Kato²

Maria Vitória Caetano Rodrigues³

RESUMO: O presente texto é um artigo de revisão em diálogo principalmente com Luiz Rufino e Vandana Shiva, onde são analisados aspectos da colonialidade que privam os sons das vozes dos saberes tradicionais. Tais análises foram feitas após a leitura e o debate de obras de tais autores pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Interculturalidade na Educação em Ciências (GEPIC), da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) em Uberaba (MG). A instituição de uma monocultura da mente, com base ideológica universalista, vem consumindo a possibilidade da humanidade se favorecer com a troca de saberes e experiências reunidas por diferentes povos do Planeta. A chamada Pedagogia das Encruzilhadas traz Exu como princípio explicativo de mundo sobre os acontecimentos, linguagem, comunicação, corporeidade, invenção e ética. A partir dela, o objetivo do artigo é pensar em proposições curriculares para professores antirracistas e decoloniais, que possam dialogar com as cosmologias da tradição. É necessária a criação de uma democracia intelectual que trabalhe a prática emancipatória dos sujeitos, devolvendo sua subjetividade e individualidade.

PALAVRAS CHAVE: Decolonialidade, Educação, Interculturalidade, Pedagogia das Encruzilhadas.

RESUMEN: Este texto es un artículo de revisión en diálogo principalmente con Luiz Rufino y Vandana Shiva, donde se analizan aspectos de la colonialidad que privan a los sonidos de las voces del saber tradicional. Dichos análisis se realizaron luego de la lectura y discusión de los trabajos de estos autores por parte del Grupo de Estudio e Investigación sobre Interculturalidad en la Educación Científica (GEPIC), de la Universidad Federal del Triângulo Mineiro (UFTM) en Uberaba (MG). La institución de un monocultivo de la mente, con una base ideológica universalista, ha ido consumiendo la posibilidad de que la humanidad se beneficie del intercambio de conocimientos y experiencias acumuladas por diferentes pueblos del Planeta. La llamada Pedagogia das Encruzilhadas trae a Exu como princípio explicativo del mundo sobre hechos, lenguaje, comunicación, corporeidad, invención y ética. A partir de ahí, el objetivo del artículo es pensar en propuestas curriculares para profesores antirracistas y decoloniales, que puedan dialogar con las cosmologías de la tradición. Es necesario crear una democracia intelectual que trabaje la práctica emancipadora de los sujetos, devolviendo su subjetividad e individualidad.

PALABRAS CLAVE: Decolonialidad, Educación, Interculturalidad, Pedagogia das Encruzilhadas.

¹ Mestranda em Educação pela UFTM (Uberaba-MG). Especialista em Tecnologias Integradas à Educação pela FAZU (2008) e em Supervisão, Gestão e Inspeção Escolar pela UNIUBE (2020) Licenciada em Ciências Biológicas pelo CESUBE (2004), graduada em Análise e Desenvolvimento de Sistemas pelo IFTM (2010), Licenciada em Pedagogia pela Unifran (2019). E-mail: angielis@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5385-9383>

² Possui graduação em Ciências Biológicas pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (2003), Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (2008), e Doutorado no programa de Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, na linha de pesquisa de formação de professores. Atualmente é docente na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) no Departamento de Educação em Ciências da Natureza, Matemática e Tecnologias (DECMT), vinculado ao Instituto de Ciências Exatas, Naturais e Educação (ICENE) no curso de Licenciatura em Educação do Campo. É credenciado, como professor permanente, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFTM. É editor da revista acadêmica Cadernos CIMEAC (ISSN 2178-9770). Também é líder do grupo de estudo e pesquisa em interculturalidade e educação em ciências (GEPIC) e do coletivo em educação popular (CIMEAC). E-mail: katosdan@yahoo.com.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3065-6812>

³ Graduanda em Psicologia pela Universidade de Uberaba (UNIUBE). E-mail: mariaivitoriacrr@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4076-7009>



ALMEIDA, A. A., KATO, D. S. RODRIGUES, M. V. C.

INTRODUÇÃO

Um dos intuitos deste texto é proporcionar pensamentos inquietantes a todos àqueles que estão dispostos a sair do véu da ignorância e olhar de fato para o funcionamento do mundo atual. E, de tal modo, sair do automatismo e velocidade que infringe o modo de vida genuíno e autêntico. Como diz José Saramago: “É preciso sair da ilha, para enxergar a ilha”. E este artigo convida a isso.

Visitando textos de Vandana Shiva e Luiz Rufino pretende-se fazer uma análise de como a chamada *Pedagogia das Encruzilhadas* poderia ser utilizada em favor de uma sociedade mais justa, que preze pelo saber intercultural, reinventando os seres a partir dos fragmentos desmanchados, reposicionando as memórias e a justiça cognitiva diante dos abalos e das ações de violência que foram geradas pelo colonialismo.

É importante rever a lógica moderna imperante, em que se impõe uma razão científica única e linear que serve para atender às partes dominantes, a fim de uma maximização econômica alinhada aos princípios do neoliberalismo. A educação deve ser utilizada para este trabalho de transgressão, de mudança de valores, de cruzamento de informações que vise uma emancipação dos seres e permita a possibilidade de quebra das correntes da colonialidade do saber. Pensar em colonialidade é pensar sobre a modernidade, sobre o sistema econômico dela decorrente – capitalismo – e sobre a situação civilizatória e hegemônica erguida a partir da lógica da exploração, poder e silenciamento do colonizado pelo colonizador.

A ideia de colonialidade do poder, elaborada por Aníbal Quijano (2005), é constituída a partir das separações raciais na estruturação do trabalho, na produção de conhecimento e, ainda, nas relações intersubjetivas, colocando os sujeitos coloniais em posições específicas de inferioridade em diversos aspectos. De acordo com Quijano (2005) o padrão de poder colonial assentou-se sobre dois eixos essenciais: a classificação social da população mundial de acordo com a raça – codificando as diferenças entre colonizador e colonizado em uma suposta estrutura biológica, “naturalizando” a situação de inferioridade de um em relação a outro – bem como a articulação das formas históricas de controle do trabalho, engendradas em um sistema de exploração (QUIJANO, 2005, p. 117). São tais aspectos que pretendem ser abarcados



ALMEIDA, A. A., KATO, D. S. RODRIGUES, M. V. C.

por este texto.

A ARTE DO CRUZO E DO GIRO

O pedagogo Luiz Rufino, em seu livro "Pedagogia das Encruzilhadas" propõe uma pedagogia diferenciada, na qual os saberes tomados como universais são questionados em busca de uma descolonização de mentes. Para ele, a educação deveria se dar a partir de conceitos extraídos de sabedorias e viveres afro-brasileiros. Nesta perspectiva, a figura de Exu é apresentada como o princípio de explicação do mundo e de outra ética possível. Tal mundo se daria através de uma prática permanente de transformação social da vida comum através do cruzo. Segundo Rufino,

Exu, enquanto princípio explicativo de mundo transladado na diáspora que versa acerca dos acontecimentos [...] é o elemento que assenta e substancia as ações de fronteira, resiliência e transgressão, codificadas em forma pedagogia. (RUFINO, 2019, p. 9)

É imprescindível se atentar ao fato de que o colonialismo empregou, ao longo do tempo, diversas formas de investimentos na formação dos seres. Não foi uma educação ampla e diversificada, e sim uma educação a serviço da dominação, que acabava por excluir a subjetividade dos sujeitos. Tal linha deve ser cruzada, a fim da possibilidade de uma educação intercultural, diversa e justa.

Não assumiremos o repertório dos senhores colonizadores para sermos aceitos de forma subordinada em seus mundos; o desafio agora é cruzá-los, 'imacumbá-los', avivar o mundo com o axé (força vital) de nossas presenças. (RUFINO, 2019, p. 10)

Esta força vital deve ser reativada em busca de um novo modo de educar. E isto pode ser concebido através da força motriz de Exu, que pode ser reivindicada através de variadas práticas pedagógicas, que prezem pela ética e coletividade. De acordo com Rufino (2019), "os conhecimentos são como orixás, forças cósmicas que montam os suportes corporais, que são feitos cavalos de santo; os saberes, uma vez incorporados, narram o mundo através da poesia, reinventando a vida enquanto possibilidade" (RUFINO, 2019, p. 9). É nesta perspectiva de cruzo, de uma educação ativa e transgressora, que este texto se inspira.



ALMEIDA, A. A., KATO, D. S. RODRIGUES, M. V. C.

O axé⁴ é uma energia viva, que precisa de constante movimento para se manter imponente. Tal mobilidade vem também das façanhas de Exu, o que possibilita analisar gramáticas de diferentes locais e cruzá-las a tantas outras, a fim de adentrar diversos novos caminhos. Este movimento imperioso é feito através do giro, do rolê, das manhas (assim como na capoeira): “Se tentar me prender, eu giro; pronto escapuli, já estou do outro lado! Assim, o conceito encarna as manhas do jogo de corpo para praticar no campo dos conhecimentos outras virações que potencializem a prática das frestas” (RUFINO, 2019, p. 9).

De tal modo, “A pedagogia das encruzilhadas” se baseia em três dimensões: política, poética e ética. Politicamente, luta contra as práticas racistas e tenta transgredir os parâmetros coloniais. Poeticamente propõe um diálogo que cruza sabedorias com gramáticas subalternizadas. E eticamente se mostra como uma prática transformadora, que possibilita a invenção de outros seres, prezando a educação como fenômeno substancial entre vida, arte e conhecimento.

Tais dimensões mostram a necessidade de se cruzar às linhas, as sabedorias, os ensinamentos e as tradições com os saberes considerados científicos. Somente deste modo será possível que se promova uma educação realmente plural. A escola da atualidade precisa aprender a sair do convencional e abraçar todos os demais conhecimentos existentes nas sociedades.

MONOCULTURAS DA MENTE

Pensando em ultrapassar o movimento hegemônico da educação, o livro “Monoculturas⁵ da Mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia”, da autoria de Vandana Shiva, foi publicado originalmente em 1993, momento em que a comunidade política internacional procurava implementar mecanismos para tratar globalmente de questões ambientais. Os textos fazem uma crítica aos grandes organismos internacionais que interferem na definição de políticas mundiais amparadas no conhecimento cientificista

⁴ De acordo com o Dicionário Aurélio, significa a energia vital de cada ser, entre os iorubás; em relação à religião, significa força e energia sagrada de cada orixá.

⁵ De acordo com o Dicionário Aurélio, significa um sistema de exploração do solo com especialização em um só produto; monocultura.



ALMEIDA, A. A., KATO, D. S. RODRIGUES, M. V. C.

gerado por intelectuais, desconsiderando comunidades tradicionais que vivem na dependência e manutenção da biodiversidade há milênios.

Vandana Shiva (2003, p. 15), na introdução de seu livro, afirma que:

As monoculturas da mente fazem a diversidade desaparecer e, conseqüentemente, do mundo. O desaparecimento da diversidade corresponde ao desaparecimento das alternativas - e leva à síndrome FAIAL (falta de alternativas)... As alternativas existem sim, mas foram excluídas. Sua inclusão requer um contexto de diversidade. Adotar a diversidade como uma forma de pensar, como um contexto de ação, permite o surgimento de muitas opções.

A autora ainda observa e analisa o que ela chama de "colonização intelectual". Tal termo reflete a criação de monoculturas da mente, as quais seriam caracterizadas pelo sistema de saber dominante, que ignora os saberes tradicionais e gera grande desigualdade e dominação. Os sistemas modernos de saber provêm de uma cultura "ultradominadora e colonizadora [...] e são, eles próprios, colonizadores" (SHIVA, 2003, p. 21).

Segundo Vandana Shiva (2003), a cultura e o conhecimento científicos ocidentais mostram-se hegemônicos, superiores e considerados como únicas formas possíveis de se delinear a realidade e operar no mundo. Toda e qualquer coisa que fuja a esta esfera passa a ser julgado como anticientífico ou primitivo, tentando a desaparecer com o passar dos anos. Além disso, os sistemas dominantes tendem a atuar de maneiras diversas a fim de que seu saber continue persistindo e para que permaneça com controle absoluto, desconsiderando os demais saberes.

Santos (2004), parece concordar com Shiva no que diz respeito ao monopólio do saber ocidental. Sabe-se que não existem mais as linhas que separavam o Novo e o Velho Mundo. Não existem mais concretamente, mas perpetuam-se de outras formas: de um lado fica a ciência, a filosofia e a teologia. Do outro, conhecimentos populares, leigos, plebeus, camponeses ou indígenas. Os últimos não são aceitos, pois não são considerados verdadeiros e suas experiências são desperdiçadas, tornando-se invisíveis assim como os seus autores.

Importante se atentar ao fato de que a educação é uma aliada constante do sistema dominante, uma vez que ela copia e tenta incutir conhecimento científico e



ALMEIDA, A. A., KATO, D. S. RODRIGUES, M. V. C.

elementos culturais ocidentais em seus alunos. A escola precisa ser um espaço que promova o diálogo entre o conhecimento científico e os demais saberes. Além disso, ela deve permitir o confronto entre diferentes culturas, coisa que raramente acontece. Portanto, se não houver reflexão, haverá espaço para a alienação, e a sociedade acabará por acreditar que existe um padrão a seguir, por isso deve se adaptar a ele, ou na maioria dos casos, deixá-los absorver tudo sem sequer perceber o que está acontecendo.

UMA ENCRUZILHADA E VÁRIAS POSSIBILIDADES DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA E INTERCULTURAL

Rufino (2019) define a encruzilhada como o umbigo e também a boca do mundo, onde existe a morada daquele que tudo come e nos devolve de maneira transformada. Há de se engolir a pressão colonial, o apagamento das subjetividades e cuspir um mundo novo, plural e dialógico.

Fanon dizia que “no mundo branco, o homem de cor encontra dificuldades na elaboração de seu esquema corporal. O conhecimento do corpo é unicamente uma atividade de negação. É um conhecimento em terceira pessoa. Em torno do corpo reina uma atmosfera densa de incertezas” (Fanon, 2008, p. 104). E continuava,

Era a raiva; eu era odiado, detestado, desprezado, não pelo vizinho da frente, mas por toda uma raça. Estava exposta a algo irracional. Os psicanalistas dizem que não há nada de mais traumatizante para a criança do que o contato com o racional. Pessoalmente, eu diria que, para um homem que só tem como arma a razão, não há nada mais neurotizante do que o contato com o irracional (FANON, 2008, p. 110).

Ao chegar nessa encruzilhada, o que se pretende é trabalhar uma pedagogia que abra caminhos a todos os humanos e a todas as sabedorias, onde não existam saberes dominantes e nem saberes dominados. Uma educação intercultural é necessária a fim de que os aprendizes saibam encontrar possibilidades em meio a tantos caminhos que surgem quando se está em um local repleto de opções.

Para Rufino (2019), essa opressão criada pela colonialidade gera o que ele chama de marafunda e carregó colonial. Tal definição se refere à carga, embaraço e fardo que levam má sorte, que possibilitam manter o assombro e a vigência de um projeto de dominação nas dimensões do ser/saber/poder. Entretanto, tudo isso pode ser espantado



ALMEIDA, A. A., KATO, D. S. RODRIGUES, M. V. C.

com uma boa mandinga, encarnada nas manhas do jogo de corpo a fim de praticar no campo dos conhecimentos outras virações que potencializem a prática das frestas.

Relembrando Claude Lévi-Strauss (1996) em sua crítica à ocidentalização do mundo na imposição de um padrão cultural único para todos os homens, o autor afirmou que o ser humano poderia chegar um dia a ter que se servir de um único cardápio, de um único prato. O autor ainda afirma a importância e a sofisticação dos conhecimentos ancestrais e indígenas que precederam as ciências modernas. Para ele, esses conhecimentos teriam

[...] como valor principal ter preservado, até nossa época, de forma residual, modos de observação e de reflexão que foram (e continuam sem dúvida) exatamente adaptados a descobertas de um tipo: as que a natureza autoriza, a partir da organização e da exploração especulativas do mundo sensível, em termos de sensível. Esta ciência do concreto deveria ser, essencialmente, limitada a outros resultados que os prometidos às ciências exatas e naturais, mas não foi menos científica e seus resultados não foram menos reais. Afirmados dez mil anos antes dos outros, eles [esses saberes] são sempre o substrato da nossa civilização. (LÉVI-STRAUSS, 1976, p. 37).

A imposição de um padrão único que despreza os conhecimentos tradicionais deve ser transgredida. É no campo das frestas que se pretende plantar as sementes variadas, fugindo das monoculturas, abrindo espaço para criar um entre-lugar que se posicione contra as formas de opressão: do corpo, da ancestralidade, dos espíritos e sobretudo, da opressão da mente.

A colonização do saber intelectual ocidental transcorre desde as escolas até as universidades. Em tais locais, o que não é científico acaba se tornando desacreditado, desprezado. Desse modo, o “primeiro plano da violência desencadeada contra os sistemas locais de saber é não considerá-los um saber” (SHIVA, 2003, p. 22). No âmago do projeto monocultural e universalista residem uma concepção que reflete uma meia verdade: é dito que se vive atualmente em uma “sociedade do conhecimento”. Porém, na verdade, todas as sociedades foram e são sociedades do conhecimento.

Já que todas as sociedades e povos possuem conhecimento, há de se procurar compreender como tantas vozes e sabedorias foram silenciadas, negadas. No Brasil, por exemplo, esta institucionalização do racismo pode ser percebida desde o início do século XX, nos escritos de Gilberto Freyre (1933) em seu livro ‘Casa-Grande e Senzala’. Nele, o



ALMEIDA, A. A., KATO, D. S. RODRIGUES, M. V. C.

autor descreve o modo de vida colonial brasileiro e do patriarcado. Freyre (1933) discute o branco, o negro e o indígena – sob uma percepção romantizada (como se houvesse grande harmonia nas relações), a fim de propagar uma ideia de convenção dos papéis sociais representados por cada uma. Desse modo, apagava a identidade de cada um dos seres não brancos e ainda eliminava o fato de que a “mistura” de raças se deu às custas de muita violência sexual contra as mulheres.

Nas escolas da atualidade, percebe-se claramente a relação negro/valor ou indígena/valor, que foi exibida por Grada Kilomba (2019), em análise de narrativas autobiográficas:

Ela é negra, mas inteligente. O “mas” é o elemento dissociativo. Ela desvincula a inteligência da negritude, tornando-as categorias que se contradizem. Para corrigir tal dissociação massiva, nós, geralmente nos vemos forçadas/os a associar ambas as categorias à excelência, forçadas/os a prover uma performance excelente de nós mesmas/os, uma performance excelente da negritude (KILOMBA, 2019, p. 176).

Sabe-se que no Brasil existe a Lei 10.639/03⁶, que dispõe acerca do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, ressaltando a importância da cultura negra na formação da sociedade brasileira. Até pouco tempo atrás, tal ensino era lembrado apenas nas aulas de História com o tema da escravidão negra africana. Apesar de muitos avanços, ainda há muito que se fazer em relação à formação de professores antirracistas que sejam capazes de ensinar de forma intercultural.

Pode-se dizer que os problemas surgidos na real aplicação da lei é uma encruzilhada em que se encontram os educadores. E nesse momento, devem descolonizar seus pensamentos, remover as monoculturas de suas mentes, a fim de agir sabiamente no combate ao racismo estrutural no país, em busca também de uma mudança epistemológica em face ao eurocentrismo no pensamento social brasileiro. Isso requer intervenções, estudos, práticas e posicionamentos políticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Rufino traz Exu como princípio explicativo do mundo e a encruzilhada como lugar

⁶ Lei sobre a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Disponível em www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm



ALMEIDA, A. A., KATO, D. S. RODRIGUES, M. V. C.

de possibilidades. Tais significados podem ser considerados potentes para o despacho de uma ciência que possui encanto suficiente para abrir os caminhos. Diante do silenciamento de alguns conhecimentos em detrimento de outros, é urgente a necessidade de aproximar diferentes domínios de saberes e conhecimentos acumulados pelas experiências das culturas.

Já Shiva mostra que tal construção de saberes pelos povos tradicionais não pode ser dispensada como referências cognitivas sem importância. Uma ecologia das ideias e um diálogo respeitoso entre saberes distintos são imprescindíveis para transpor a monocultura da mente. É necessário perceber que a mudança nos modos de tratar a natureza atravessa as esferas da cultura, economia, educação, política e social. E mais, desdobra-se pela tomada de consciência da responsabilidade e da presença de todos na preservação da vida – de todas as variedades de vida.

Escrevendo este documento como pesquisadora, feminista, branca e professora da rede pública municipal, foi percebido que olhar sobre a diversidade existente no ambiente escolar exhibe uma necessidade imensa de práticas mais inclusivas culturalmente. Nesta busca de uma perspectiva antirracista, a educação deve partir dos princípios legais, e na defesa das diversidades das identidades étnico-raciais, com o intuito de alcançar a construção de uma sociedade imparcial e igualitária. E nesse sentido, os sujeitos envolvidos nesta dinâmica, principalmente os docentes, são convocados ao debate e ao estudo sistemático do tema em questão.

REFERÊNCIAS

- FANON, F. (2008). **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador, BA: Editora da Universidade Federal da Bahia.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. 42. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LÉVI-STRAUSS, C. **Tristes trópicos**. Tradução Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Tradução Maria Celeste da Costa e Souza, Almir de Oliveira Aguiar. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.
- QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: Edgardo Lander (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos



ALMEIDA, A. A., KATO, D. S. RODRIGUES, M. V. C.

Aires: Clacso, 2005. p. 227-278.

RUFINO, L. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019. 164 p.

SANTOS, B. S. **Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências**. 2002. Disponível em: <http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Sociologia_das_ausencias_RCCS63.PDF>. Acesso em: 1 Nov. 2021.

SHIVA, V. **Monoculturas da Mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia**. São Paulo: Gaia, 2003.

Como citar este artigo (ABNT)

ALMEIDA, A. A., KATO, D. S. RODRIGUES, M. V. C. **Utilizando a arte do cruzo e do giro no combate às monoculturas da mente em busca de uma educação antirracista e intercultural**. Revista Iniciação & Formação Docente, Uberaba, MG, v. 8, n. 3, p. XXX-XXX, 2021. Disponível em: <inserir link de acesso>. Acesso em: inserir dia, mês e ano de acesso. DOI: inserir link do DOI.

Como citar este artigo (APA)

ALMEIDA, A. A., KATO, D. S. RODRIGUES, & M. V. C.(2021). **Utilizando a arte do cruzo e do giro no combate às monoculturas da mente em busca de uma educação antirracista e intercultural**. Revista Iniciação & Formação Docente, X(X), XXX-XXX. Recuperado em: inserir dia, mês e ano de acesso de inserir link de acesso. DOI: inserir link do DOI.